

## Painel / Linha temática 7

Metodologias de Investigação: reflexividade, ferramentas e impactos



### Mesa 7.1

## "Imersões nas produções de conhecimentos e saberes"

**Comentador:** Fernando Florêncio<sup>1</sup>

**Moderador:** José Pedro Arruda<sup>2</sup>

**Coordenadora:** Nathalie Nunes - [nathalienunes@ces.uc.pt](mailto:nathalienunes@ces.uc.pt)

Sexta-feira 6 de dezembro, 4ª sessão

### Comunicações:

Nº	Nome completo	Email	Título da comunicação	Instituição
75	Cristina Sá Valentim	<a href="mailto:cristina.valentim@gmail.com">cristina.valentim@gmail.com</a>	O (s) pó (s) do arquivo. Uma etnografia em arquivo colonial numa pesquisa pós-colonial.	CES-FEUC/CRIA/GAIEPC
77	Carolina Gontijo Lopes	<a href="mailto:carolminasfef@yahoo.com.br">carolminasfef@yahoo.com.br</a>	Etnografia "do" e "em" movimento: estratégias de registros do ciclismo urbano	CES/FEUC
124	José Guilherme Fanco Gonzaga	<a href="mailto:joguigon@gmail.com">joguigon@gmail.com</a>	Por uma Pedagogia do Sul: práticas compartilhadas de produção de conhecimento	Universidade Federal Fluminense / Brasil

## RESUMOS A SEGUIR

<sup>1</sup> Professor Auxiliar, Departamento de Ciências da Vida, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra. Antropologia política africana. [http://www.uc.pt/fctuc/dcv/pessoas/docentes/f\\_florencio](http://www.uc.pt/fctuc/dcv/pessoas/docentes/f_florencio)

<sup>2</sup> Doutorando em Sociologia da FEUC, onde está a desenvolver um projeto de investigação sobre o processo comunicacional mediado pela televisão, sob orientação da Professora Doutora Paula Abreu.

---

## O (s) pó (s) do arquivo. Uma etnografia em arquivo colonial numa pesquisa pós-colonial

---

Para muitas investigações antropológicas que versam sobre os colonialismos, a pesquisa em fontes arquivísticas é algo inevitável. Contudo, essas pesquisas são dificilmente consideradas como uma forma de trabalho etnográfico, nem tampouco seguem (na sua maioria) uma abordagem pós-colonial que vá para além da análise crítica dos processos de dominação coloniais.

É certo que os arquivos coloniais – enquanto tecnologia cultural moderna ocidental – integram a designada ‘biblioteca colonial’. Esse conhecimento representa o Outro como um sujeito passivo sobre o qual se escrevia e a quem se atribuíam identidades subalternizadas.

Porém, os conhecimentos coloniais são o produto de diferentes protagonistas (informantes nativos, missionários, administradores, população nativa, mulheres e antropólogos), de diferentes intencionalidades (mecanismos identitários de agency e resistência) e de diferentes localizações (colónias e metrópole).

No arquivo colonial é possível explorar as práticas, os processos e as situações que deram origem a esses conhecimentos. E a análise dessas situações remete necessariamente para o trabalho etnográfico em contexto de arquivo.

Uma forma de fazer trabalho etnográfico em arquivo é explorar os documentos e imagens como materiais que revelam práticas de pessoas e tudo o que essas práticas têm de vulnerável. Por exemplo, os processos que construíram as objetificações coloniais como algo frágil, como também as expressões críticas e possíveis ações subtis de subversão e resistência ao poder instituído. E para isso é preciso ir além da representação textual pelo recurso a uma descrição etnográfica ‘densa’ sobre os contextos e as situações que produziram esses textos.

Entendendo o arquivo como um espaço discursivo e uma prática de diferenciação, isto é, produto de inclusões e exclusões de saberes, sujeitos e situações, esta comunicação parte de fontes arquivísticas do espólio da Diamang (Companhia de Diamantes de Angola) e visa refletir na pesquisa arquivística em arquivo colonial como um exercício etnográfico e fértil para as análises pós-coloniais.

---

**Palavras-chave:** arquivo colonial; etnografia; pós-colonialismos.

\* Licenciada e mestre em Antropologia na Universidade de Coimbra e doutoranda no programa de Pós-Colonialismos e Cidadania Global no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Realiza investigação sobre a categoria colonial de ‘folclore nativo’ no seio da acção cultural levada a cabo pela Diamang (Companhia de Diamantes de Angola) na Lunda, de 1944 a 1975. É investigadora colaboradora do CRIA, Centro em Rede de Investigação em Antropologia, e do GAIEPC, Grupo Autónomo de Investigação em Estudos Pós-Coloniais.

---

## Etnografia “do” e “em” movimento: estratégias e registros do ciclismo urbano

---

Refletindo e experienciando o campo, no meu caso: “o pedalar na rua das cidades”, que defini a metodologia para realizar uma etnografia “do” e “em” movimento. Busco apresentar o método etnográfico elaborado para o projeto de tese em andamento: “O ciclismo urbano: os usos da bicicleta em Lisboa e São Paulo”. A problemática compreende as limitações para realizar a observação do ciclismo urbano em meio ao fluxo nas grandes cidades, bem como das formas de registros da prática em movimento.

A primeira definição do método é a adoção da etnografia “do” e “em” movimento”. Suas preocupações envolvem a aproximação do investigador com a prática do ciclismo urbano em movimento; garantir o registro da prática e das interações no deslocamento do ciclista; familiarizar e estranhar as distintas informações registradas da experiência cotidiana. A presente etnografia combina as formas de observar e descrever minuciosamente no diário de campo com o olhar o objeto “em” movimento e registrá-lo sob forma de filmes e fotos. Além de observar os praticantes do ciclismo urbano, o investigador também usa a bicicleta para suas imersões.

Tais considerações resultam de imersões pilotos ao campo e da revisão de bibliografia. Os principais antecedentes teóricos da observação em movimento correspondem ao trabalho de Urry (2010), De Certeau (2002) e Spinney (2011) e das formas de registro em filmagem e fotos de Pina, Kurti e Afonso (2004). A perspectiva de “rhythmanalytical” (Lefebvre, 2004) foi adotada pela compreensão da temporalidade associada ao ciclismo no espaço urbano.

O método possibilita ao investigador observar, acompanhar, ouvir e partilhar de conversas ao mesmo tempo que realiza os registros. O aspecto relativizador da imersão pela presença do “outro” envolve identificar e aproximar dos múltiplos ciclistas casuais, cotidianos, trabalhadores, e solicitar aos mesmos que filmem seus deslocamentos. A interpretação do ciclismo urbano no espaço das grandes cidades ocorre pela mediação de olhares registrados durante o percurso de imersão etnográfica “do” e “em” movimento nas múltiplas temporalidades.

---

**Palavras-chave:** etnografia; ciclismo urbano; movimento; estratégias; registro.

\* Doutoranda no curso de sociologia - Cidades e Culturas Urbanas da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Portugal (2012). Mestre em Lazer pela Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais (2012). Especialista em Pedagogia do Esporte Escolar (2007), graduada na Licenciatura em Educação Física (2005) e no Bacharelado em Recreação e Lazer (2001) pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Estuda a área da Educação Física pela abordagem sociológica das práticas culturais com ênfase no lazer, nos espaços públicos e no movimento corporal na cidade.

---

## Por uma Pedagogia do Sul: práticas compartilhadas de produção de conhecimento

---

A América Latina tem rica experiência em concepção, produção teórica e prática da educação popular. Isto é, setores da população que são subalternizados pela lógica hegemônica do sistema mundo patriarcal, capitalista, colonial, moderno (GROSFOGUEL: 2005).

Nesse sentido, a educação popular é herdeira das lutas das lutas de libertação contra as formas de exploração e opressão impostas pelas formas hegemônicas do sistema mundo.

A Pedagogia do Oprimido de Paulo FREIRE (2005) é resultante das experiências das lutas e debates políticos-acadêmicos dos finais da década 50, fortemente influenciada pelas lutas de libertação nacional na África, nas Américas e pela Revolução Cubana. Sua crítica à escola bancária e sua proposição por uma Pedagogia do Oprimido dialoga com FANON (2005) e MEMMI (1977).

Contemporâneo de Freire, Fals Borda propõe uma metodologia de pesquisa que radicaliza a concepção marxista de interpretar o mundo para mudá-lo. Em sua proposição da 'Investigación Acción Participativa' (BORDA: 1980) que a pesquisa seja apropriada pela comunidade como forma de se pesquisar, seguindo a lógica de que pesquisar é se pesquisar (SANTOS: 1996).

Essas ferramentas estão a possibilitar a radicalização da democracia e do controle popular sobre as instâncias de decisão. Como no caso, das construções coletivas de orçamento, conferências, conselhos gestores entre outros.

Na área da saúde, pesquisadores da ENSP-FIOCRUZ percebendo a importância do conhecimento socialmente aceito, como forma de potencializar a participação e argumentos dos setores populares, sem retirar-lhes a iniciativa e autonomia propuseram a "Construção Compartilhada de Conhecimentos" (CARVALHO: 2001) "Nessa perspectiva todos somos educadores e fazemos circular saberes diversos e de diferentes ordens."

Nesse trabalho, ao recuperarmos esse caminho, propomos outras formas de produzir conhecimentos que ampliem a ecologia dos saberes mundiais, invocando as vozes e os pensamentos do sul do mundo (SANTOS E MENESES: 2010).

---

**Palavras-chave:** educação popular; epistemologias do Sul; metodologias de coprodução do conhecimento; ecologia dos Saberes; lutas sociais.

\* Orientador pedagógico da rede municipal de educação de Barra Mansa - RJ, está a concluir doutoramento em educação pela universidade federal fluminense (Brasil), é pedagogo, especialista em alfabetização dos alunos das classes populares, mestre em educação. Como militante do Movimento Sem Terra vem pesquisando as práticas educativas nos movimentos sociais e a educação popular como potência das lutas pela libertação. Sobre o tema deste trabalho foram publicados pelo autor, na Revista A Página da Educação, em 2003 o Artigo "Conhecer com as mãos!", disponível no sítio: <http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=126&doc=9592&mid=2> e em 2007, na Revista Proposta: "Diálogos: enxadas e lápis, cultivando aprendizados", disponível em: [http://www.fase.org.br/v2/admin/anexos/acervo/1\\_guilherme.pdf](http://www.fase.org.br/v2/admin/anexos/acervo/1_guilherme.pdf). Nesse momento o autor a está pesquisar no CES-UC, em doutoramento sanduíche, em bolsa concedida pela CAPES.